

O SANATORIO DOS FERROVIÁRIOS: VIDA E MORTE NAS PENHAS DA SAÚDE

Ana Maria Tavares Martins^{1,2}, José Ribeiro Mendes^{1,3}, Miguel Moreira Pinto^{1,2}, Cláudia Beato², Mafalda Teixeira de Sampayo^{4,5}

¹CITAD Centro de Investigação em Território, Arquitectura e Design, Universidade Lusíada / ²DECA-UBI Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura da Universidade da Beira Interior / ³IPPT Instituto Politécnico de Tomar / ⁴ISCTE-IUL Departamento de Arquitectura e Urbanismo do Instituto Universitário de Lisboa, Escola de Tecnologias e Arquitectura / ⁵CES Centro de Investigação e Estudos em Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa

Resumo

O Sanatório dos Ferroviários das Penhas da Saúde faz parte da arquitectura sanatorial que surgiu em Portugal nos meados do séc. XIX como consequência do flagelo das doenças do foro respiratório, que assolavam uma população laboral que se deslocara para as cidades, no seguimento da progressiva industrialização e desenvolvimento do país. Antecedido pelo Grande Hotel dos Hermínios, que seguia à risca as prescrições do Dr. Souza Martins, o sanatório foi obra do arquitecto Cottinelli Telmo no seguimento de uma encomenda da C.P sendo concluído em 1936 apesar de ter sido inaugurado oito anos depois. O Sanatório dos Ferroviários, como ficou conhecido, encontra-se implantado, na Área Protegida da Serra da Estrela, na sua vertente sul a 1200 metros de altitude e a cerca de 6km da cidade da Covilhã estabelecendo uma relação visual privilegiada com a mesma. A vida útil deste edifício foi diversificada uma vez que o seu propósito inicial apenas esteve activo até aos anos 70 de séc. XX. Após 1975 o edificado esteve ao serviço do Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais até aos anos 80. Após esta data esteve ao abandono e em ruína. Foi ocasionalmente palco dos famosos Carnavais da Neve do Clube Nacional de Montanhismo da Covilhã e dos Encontros Nacionais de Motards. Actualmente está a ser ultimada a obra de reabilitação do edificado a cargo do Arquitecto Eduardo Souto de Moura, prémio Pritzker, com vista a uma nova utilização como Pousada. Esta comunicação traz a debate a vida e morte de um edifício hoje marco da arquitectura filantrópica.

1. A Génese de uma ideia profiláctica e terapêutica

O Sanatório dos Ferroviários das Penhas da Saúde faz parte da arquitectura sanatorial que surgiu em Portugal nos meados do séc. XIX como consequência do flagelo das doenças do foro respiratório que assolavam uma população laboral que se deslocara para as cidades no seguimento da progressiva industrialização e desenvolvimento do país.

Muitos foram os estudos realizados sobre as propriedades dos “ares” da Serra da Estrela tal como o atesta a tese de Rodrigo António Teixeira Guimarães intitulada “ O tratamento Climatérico da Tuberculose Pulmonar e a Serra da Estrela” apresentada à Escola Medico Cirúrgica do Porto. Segundo as palavras deste médico:

“Escolhendo para objecto da minha dissertação inaugural o tratamento climatérico da tuberculose pulmonar, não me cega a pretensão de vir trazer conhecimentos novos à ciência. Forçado, para concluir o meu curso médico, a apresentar um trabalho sobre um ponto qualquer, decidi-me por este; não por me supor com forças suficientes para o tratar com todo o desenvolvimento que ele requiere, mas porque a isso me levaram a sua actualidade e o desejo de chamar a atenção daqueles a quem compete, para assunto de que tanto temos a esperar sob o duplo ponto de vista da humanidade e da nacionalidade – como médicos e como portugueses” (Guimarães, 1887)

De facto foram os Doutores Sousa Martins e Serrano, professores da escola médico-cirúrgica de Lisboa, os impulsionadores do interesse pelos aspectos curativos da Serra da Estrela. A Sociedade de Geografia de Lisboa organizou, em Agosto de 1881, uma expedição à Serra da Estrela por iniciativa destes dois médicos. De facto, na sua dissertação, Guimarães especifica:

“Do confronto que no fim da primeira parte do presente trabalho estabeleci entre os três grupos a que entendi dever reduzir os climas tuberculoterápicos, resultou, que os alpinos eram os únicos de que era lícito esperar a cura da tuberculose pulmonar./Convencidos disto mesmo, ocorreu a dois distintíssimos professores da Escola Médico-cirúrgica de Lisboa - os Drs. Souza Martins e Serrano – aproveitar

qualquer das montanhas portuguesas para nela se edificar um sanatório, à semelhança dos que se encontram em outros países, evitando assim, sem prejuízo para os doentes, os grandes e dispendiosos deslocamentos a que seriam obrigados, se necessitassem recorrer à habitação nesses climas./Para este fim, apresentou-se-lhes como a mais adequada, atenta a sua altitude, a serra da estrela, e para ela voltaram as suas atenções.” (Guimarães, 1887)

Na Expedição Científica à Serra da Estrela o Dr. Souza Martins esteve presente e dela resultam vários relatórios, que surgiram compilados num livro intitulado “Quatro Dias na Serra da Estrela”, da autoria de Emídio Navarro (Monteiro, 2009). O Dr. Souza Martins defendia a importância da criação de sanatórios na Serra da Estrela como profilaxia e terapêutica contra a tuberculose.

2. Climatismo, Arquitectura sanatorial e Turismo – uma síntese

Como referem Andreia Galvão e José Mendes Ribeiro (2011), em Portugal, a partir de meados do século XIX, um lento processo de industrialização originou fortes densidades demográficas não só em cidades como Lisboa e Porto mas também noutras cidades de menor dimensão onde a mão-de-obra operária teve expressão social. A população da cidade aumenta, mas também se modifica na sua composição: ao mesmo tempo que a burguesia se desenvolve e se diversifica, em extractos diferenciados, uma classe operária emergente reclama o seu lugar no tecido social e urbano (Galvão e Mendes, 2011). A insalubridade dos ambientes urbanos tornava-os de facto em locais propícios ao desenvolvimento e propagação de doenças. As más condições da vida urbana associadas às grandes cargas horárias de trabalho nas classes mais desfavorecidas, contribuíam para uma fragilização do sistema imunológico (Monteiro, 2009). Como refere Ana Monteiro, a génese da viagem surge em parte associada à cura e a finalidades terapêuticas enquanto hábitos sociais apoiados por médicos e higienistas. Estes hábitos conduziram à criação de novos espaços e de novos equipamentos de apoio (Monteiro, 2009).

De facto, ainda no seguimento do Renascimento, inicia-se um movimento, primeiro apenas confinado às classes aristocráticas de países como a Grã-Bretanha e, posteriormente, alargado a membros do clero e das artes, em busca dos vestígios das civilizações clássicas. É o surgir da prática da Grand Tour, com o retomar da dimensão turística e cultural fortemente associada à necessidade de descobrir e aprender, de visitar cidades que espelham o conhecimento, a cultura de diferentes momentos da história da humanidade (Beato, 2009). Durante o século XVI, eruditos como Montaigne e Erasmo percorrem toda a Europa e datam deste século os primeiros manuais destinados a facilitar as viagens; neles não só se descrevem o estado dos caminhos e as possibilidades de alojamento como também se mencionam os riscos e os perigos inerentes a determinada rota (Page et al., 2002; Beato, 2009). Neste movimento, a aristocracia britânica deslocava-se à Itália, passando por França, e dirigindo-se em muitos casos até ao Egipto; cidades como Paris, Turim, Florença, Veneza, Nápoles e Roma eram paragens obrigatórias. Muitos pintores, entre eles Turner, acompanham este périplo e vão registando através da pintura a beleza e a unicidade do que vêem; as diferentes cidades, a costa da Bretanha, a Costa da Normandia e o Loire ou as paisagens montanhosas da Suíça. O espírito da época vai sendo sublimado pelos pintores e poetas românticos europeus e americanos, que enaltecem as qualidades dos cenários paisagísticos (Beato, 2009).

Deste movimento para o continente, surgem as primeiras estâncias turísticas, fundadas no continente europeu por ingleses próximas do roteiro das cidades da Grand Tour; várias estâncias de montanha nos Alpes como Chamonix, fundada por dois Ingleses, William Windham e Richard Pocok, no sopé do Monte Maldito, rebaptizado de Monte Branco após o início da exploração turística; várias estâncias na costa como Nice. Com o progredir da actividade mercantilista no império britânico e com os contínuos avanços no campo dos

transportes, sobretudo nos transportes marítimos, novas classes sociais vão aderindo à Grand Tour nomeadamente os jovens das famílias burguesas mais abastadas, o clero, o exército, e cada vez mais artistas (Stock, 2003). Estes últimos, sobretudo pintores mas também escritores vão ser até ao século XX, através da pintura e da palavra, dos principais responsáveis pela divulgação das paisagens e dos locais de interesse turístico junto da sociedade despertam a curiosidade de quem os vê e lê. O que autores como sejam Chateaubriand, Flaubert, Gauguin, ou Ramalho Ortigão contam nas suas obras, são realidades, experiências que em muitos casos podem ter contribuído para o desejo de conhecer, de experimentar, de partir das diferentes classes: primeiro à burguesia como foi referido e posteriormente, no século XX, à classe média (Stock, 2003). A estes artistas há que somar os próprios aristocratas e burgueses que trazem das suas viagens para os seus países de origem inúmeras recordações que servem para divulgar junto dos seus pares as paisagens e cidades exóticas que visitam, como são disto exemplo os inúmeras pinturas de Veneza por Canaletto ou os inúmeros artefactos arqueológicos egípcios, greco-romanos, levados para a Grã-Bretanha (Beato, 2009).

Entretanto, na Grã-Bretanha um movimento de crescente industrialização, de novas formas de produção vai avançando de forma irreversível o que, aliado a uma reforma agrária e a um conjunto de inovações tecnológicas, vai progressivamente conduzir ao crescimento de várias cidades, que numa primeira fase evoluem sobretudo a partir de pequenos núcleos em torno das indústrias localizadas junto das fontes de matéria-prima, nomeadamente junto de explorações mineiras e de linhas de água, disseminadas no campo, para posteriormente, com a melhoria dos meios de locomoção surgirem grandes aglomerações urbanas pela expansão exponencial de cidades portuárias, locais de escoamento da produção para os diferentes pontos do império (Hall, 1998).

Deste crescimento desordenado de muitas destas cidades, das formas de produção extremamente poluentes, sem que se acautelassem a saúde e a higiene no trabalho, vão surgir vários problemas de saúde pública colocados em evidência por exemplo, com a necessidade de ir recrutar homens para o exército Alemão no campo, depois de todos aqueles oriundos das cidades serem rejeitados por não cumprirem os requisitos físicos mínimos, muitos afectados com doenças como a tuberculose. É pois nas últimas décadas do século XIX que largas franjas da população das Cidades Industriais, trabalhadores e habitantes sofrem com graves doenças do foro respiratório, de onde se destaca a tuberculose, doença que encontra na subnutrição, na poluição, um campo favorável para o seu desenvolvimento e propagação.

O Climatismo, surge assim como sendo a utilização para fins terapêuticos, de certas condições climáticas particulares para a prevenção, cura, e recuperação de doenças, vai ser muito utilizado em doenças do foro pulmonar a partir da segunda metade do século XIX, tendo o seu auge no primeiro terço do século XX com inúmeros estabelecimentos sanatoriais, a proliferarem por toda a Europa. Intimamente ligado ao crescimento do número de sanatórios, está o aparecimento da Tese “ A tuberculose é uma doença curável”, apresentada em 1854 por Hermann Brehmer, um médico Alemão, que no mesmo ano constrói na Silésia, o primeiro sanatório da Europa, com 300 camas, em que para além do repouso e da boa alimentação se aproveita o clima de Gorbardsdorf (Sokolowko), ar puro e fresco para a sua cura. Este médico, constrói esta infraestrutura, após ter vencido a doença quando era estudante de botânica, graças a uma viagem pelos Himalaias a conselho médico, em busca de um clima saudável, com “bons ares”. Os sanatórios aparecem assim em locais, altos, frescos e arejados, elementos importantes na cura ao que se associam igualmente: o descanso, a limpeza e a frescura do ar, a boa alimentação, o repouso e o isolar dos doentes da população por forma a evitar o contágio. O climatismo ainda hoje é responsável pela deslocação de visitantes e turistas a vários locais sendo que, de acordo com a Associação Europeia de Termalismo e Climatismo (AETC), Alemanha e Itália estão entre os países que possuem mais curas nesta área.

3. Assistência Nacional para Tuberculosos e Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

A arquitectura sanatorial em território Português é corporizada na área das Penhas da Saúde, através da construção, a 1.530 m de altitude, do Grande Hotel dos Hermínios, seguindo à risca as prescrições do Dr. Souza Martins (Pinho, 1995). Na cidade da Guarda este médico funda uma instituição humanitária destinada a ajudar os tuberculosos mais desfavorecidos que se manteve activa por quatro anos chamada “Clube dos Hermínios” e que levou à construção de um primeiro sanatório, na Guarda em 1907, que foi baptizado com o seu nome materializando também a acção da Assistência Nacional para Tuberculosos (ANT). O Sanatório Souza Martins teve como autor do seu traçado o arquitecto Raul Lino sendo constituído por três pavilhões isolados, para três classes distintas aos que acresciam seis habitações para famílias (Monteiro, 2009).

A ANT constituía uma sociedade de carácter privado que era financiada por quotas dos associados, donativos ou por receitas provenientes de acções de beneficência. Com a implementação da República surgem várias reformas nas organizações públicas sendo a ANT reconhecida institucionalmente pelo esquema de estatuto, organizado nos termos do Decreto-lei de 10 de Março de 1911, onde se mostra a necessidade de se proceder à sua integração nos serviços de assistência pública (Monteiro, 2009). Em 1924 foi criado pelo Estado o Fundo de Assistência Ferroviária, que se juntava ao Fundo de Assistência aos Empregados dos Caminhos-de-Ferro, destinado à organização dos meios de combate à tuberculose. A Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses fazia uma doação anual para protecção do seu Pessoal, era o «Fundo de Assistência Ferroviária» sendo calculado 1% sobre as receitas totais da empresa era destinado à organização dos meios de combate à tuberculose dentro dos seus quadros de pessoal. Deste modo, para além da acção da ANT também a Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses promovia uma campanha para a execução de equipamentos sanatoriais destinados a albergar os seus funcionários tuberculosos (Monteiro, 2009).

Em Junho de 1925 a Comissão Administrativa dos Sanatórios para Ferroviários Tuberculosos recebe do Estado um terreno destinado à construção do Sanatório da Covilhã. Porém, em 1926, o Fundo de Assistência foi suprimido, mas a Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses manteve uma dotação anual para a assistência dos seus funcionários, criando uma comissão destinada à sua gestão (Monteiro, 2009). Um ano depois, em 1927 a Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, através da Comissão Administrativa dos Sanatórios para Ferroviários Tuberculosos, tomou a iniciativa de promover a construção de um sanatório de altitude na Serra da Estrela. Em 1929 foi aprovado o Regulamento dos Serviços Sanitários das Empresas Ferroviárias, que incluía os serviços de assistência clínica, de pronto-socorro e de acidentes no trabalho, de higiene, de profilaxia e desinfeção, assim como de estatística demográfica sanitária.

4. Primeira metade do séc. XX em Portugal – um preâmbulo arquitectónico

No início do séc. XX, as artes e em particular a arquitectura encontravam-se imbuídas de um fervilhar de emoções, concomitante entre o passado revivalista e o desejo da busca de algo novo, de acordo com o novo século que nascia. Em Portugal, no extremo ocidental da Europa, os novos modelos e linguagens arquitectónicas sempre tardaram um pouco mais a chegar pelo que o fim do séc. XIX e início do séc. XX correspondeu ao período de todos os “neos” ou seja, foi o período de todos os revivalismos desde o neo-gótico, neo-manuelino, entre outros. Mas também foi época de uma fugaz adesão à Arte Nova e depois à Arte Deco. Porém a modernidade apontava já a sua chegada através de alguns visionários futuristas que comungavam da “modernidade” europeia, basta lembrar que o segundo número da revista “Orpheu”, de Abril de 1915 foi, como refere José Augusto França, o “rastilho” dessa fixação de um modernismo hesitante (França, 2004).

Após a I Guerra Mundial, a Europa, e consequentemente Portugal, mergulhavam num clima de tensão e de instabilidade. No que respeita à arquitectura, vivia-se também um período de tensão entre o Eclétismo de raízes historicistas e o que viria a ser apelidado de Modernismo, ou seja, algo verdadeiramente novo e elemento de ruptura com o passado. Em Portugal, o Modernismo oscilou entre o rigor da tradição, de carácter regionalista e historicista, e o fervilhar da inovação, da utilização de uma linguagem arquitectónica inteiramente nova assim como o uso de novos materiais como o betão. No entanto, alguns arquitectos portugueses flutuaram entre ambos os modos de encarar a arquitectura conseguindo mesmo uma grande ambivalência e destreza arquitectónica na resposta a estas duas vertentes (Martins, 2010). Deste modo, após o golpe militar de 1926, surge o “Estado Novo” de Salazar, formalizado em 1933, que procura uma arquitectura que seja veículo das ideias e afirmação deste novo estado.

Nesta busca, num primeiro momento, destaca-se Raul Lino com os seus estudos sobre a Casa Portuguesa e o seu livro “Casas Portuguesas” editado em 1933. Esta é uma obra teórico-prática, de cariz regionalista e nacionalista, que discorre sobre a importância da “casa”, entre a economia e a beleza, com ilustrações específicas de casas adaptadas à região onde se inserem. Deste modo, torna-se importante a inventariação de temas construtivos, decorativos, ambientais, mas acima de tudo a busca das características próprias do habitar português.

Ideologia e ensino artístico foram os elementos que levaram à gradual definição de uma estética arquitectónica regionalista, tradicionalista, e voltada para os valores históricos do passado. De facto, foi esta ideologia que alimentou e comungou do novo regime político do Estado Novo, que se constituía como uma “nova ordem”, como refere Gonçalo C. Moniz, *“Este modelo de sociedade pressupõe a construção de uma nova organização do estado que iria assentar na ideia de ‘ordem’, isto é ordem nas finanças, pelo equilíbrio do orçamento, ordem nas ruas e nos espíritos, pelo reforço dos poderes do estado”* (Moniz, 2005).

Ao aceitar o modernismo, um grupo de jovens arquitectos esclarecidos e informados sobre as características da nova linguagem arquitectónica, quer através de revistas da especialidade, quer através de viagens ao estrangeiro, abraça a nova forma de projectar e produzir arquitectura (Martins, 2010). O Estado Novo começa a aceitar o modernismo como materialização do seu ideário e a linguagem arquitectónica modernista apropriada para a construção de novas e múltiplas obras públicas de grandíssima dimensão, sob encomenda de Duarte Pacheco. Novos programas são equacionados e surgem novas exigências, fornecendo um novo desafio e campo de intervenção para esta nova linguagem arquitectónica (Martins, 2010). Dos novos programas floresciam aqueles ligados à produção de obra de carácter público como é o caso de: sanatórios, hospitais, liceus, gares, postos dos correios, salas de espectáculos mas também barragens e grandes obras de engenharia e de infra-estruturas para além do que era estritamente arquitectónico (Martins, 2010).

Cottinelli Telmo pela sua experiência na direcção de importantes obras públicas, maioritariamente associadas a uma linguagem historicista é nomeado para o lugar de Arquitecto-Chefe da Exposição do Mundo Português, realizada em 1940. Como refere Ana Monteiro (2009) a responsabilidade pela construção da imagem do Regime, a cargo da dupla Duarte Pacheco (Ministério das Obras Públicas e Comunicações) e António Ferro (Secretariado de Propaganda Nacional) encontra em Cottinelli Telmo *“a figura de proa necessária para coordenar uma vasta equipa de arquitectos e artistas portugueses na procura de um verdadeiro estilo nacional que fixasse, em estafe e em estuque, os parâmetros por que se viria a reger o gosto oficial”* (Monteiro, 2009).

O culminar desta adaptação ao modernismo foi divulgada e grandemente utilizada na Exposição do Mundo Português, em 1940. É a partir deste momento que surge o “aportuguesamento” do modernismo que viria a ser conhecido como “português suave”. Isto

é, dentro da linguagem modernista foram absorvidos símbolos, elementos e referências de épocas e glórias passadas tais como as volutas e os pináculos do tempo de D. João V; as esferas armilares, os nós e as cordas do Manuelino; as falsas mansardas Pombalinas; a monumentalidade e rigor do Classicismo; mas também os cata-ventos, os alpendres e chaminés assumidos como herança da arquitectura popular na linha de pensamento da “casa portuguesa”.



Fig.1 - Cottinelli Telmo: Porta da Fundação, Exposição do Mundo Português (Estúdio Mário Novais, arquivo Biblioteca de Artes da Fundação Calouste Gulbenkian)

Desta forma, Cottinelli Telmo é o autor do Plano Geral da Exposição do Mundo Português e de alguns elementos emblemáticos do recinto expositivo como: a “Porta da Fundação”, o “Pavilhão do Portugueses no Mundo”, o “Monumento aos Descobrimentos Portugueses” (em parceria com o escultor Leopoldo de Almeida), a “Fonte e Praça do Império” e o “Pavilhão dos Caminhos-de-Ferro” (Monteiro, 2009)

De facto, duas vias se abriram à prática arquitectónica portuguesa. Se por um lado havia arquitectos verdadeiramente modernistas (por vezes conotados com algum espírito de rebeldia), por outro existiam arquitectos que delineavam um modernismo historicista e regionalista ao sabor daquilo que se considerava como característico da Nação. Estas duas vias foram uma constante durante o Estado Novo tendo sido a ultima adoptada como linguagem oficial e reflexo do ideário do próprio Estado. (Martins, 2009).

A actividade profissional de Cottinelli Telmo não se cingia apenas à actividade projectual e ao design gráfico uma vez que foi igualmente director (1938-1942) da revista do Sindicato Nacional de Arquitectos intitulada “Arquitectos” e seu Presidente a partir de 1945. Em 1948, sob sua alçada, surge o Primeiro Congresso de Arquitectura, realizado pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos. Duas décadas depois Keil do Amaral afirmaria: “(...) nunca tínhamos tido oportunidade de falar em arquitectura, de maneira que dissemos tudo o que considerávamos importante, de uma maneira caótica, mas cheia de vida e intenções generosas, ...acreditávamos que havia um mundo novo em gestão, mais belo e equitativo e que tínhamos um papel importante a desempenhar nele: uma função social.” (Tostões, 1997)

4. Sanatório dos Ferroviários: de Cottinelli Telmo a Souto de Moura

Em 1923 o arquitecto José Ângelo Cottinelli Telmo foi contratado para fazer parte integrante da Divisão de Construção da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses onde elaborou inúmeros projectos de arquitectura assim como esteve também a cargo de trabalhos publicitários e promocionais, de elevado destaque e importância, da referida companhia durante 25 anos.



Fig.2 - Cottinelli Telmo: Sanatório dos Feroviários (anos 40 do séc. XX). (Estúdio Mário Novais, arquivo Biblioteca de Artes da Fundação Calouste Gulbenkian)

O projecto para o Sanatório de Feroviários, na Covilhã, resulta de uma encomenda feita pela Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, em 1927, resultante do empenho do general Carlos Vasconcelos Porto na coordenação da Campanha de Assistência Sanitária aos Feroviários, que apelava à construção de equipamentos de saúde destinados exclusivamente ao tratamento dos feroviários e constitui-se como um elemento marcante na obra de Cottinelli Telmo. Este projecto foi concluído em 1936, apesar de inaugurado só em 1944 (IHRU, 2012).

O Dr. Carlos Lopes, Médico-Chefe dos Serviços de Saúde da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses e membro da Comissão Administrativa dos Sanatórios da mesma Companhia foi o autor do programa arquitectónico. Para a elaboração deste programa o Dr. Carlos Lopes, viajou e visitou vários sanatórios na França, Suíça e Alemanha. Por outro lado, também Cottinelli Telmo faz a sua pesquisa e visita o Sanatório de Fuenfria, em Espanha (Monteiro, 2009). Nas opções de implantação do edifício podem encontrar-se algumas semelhanças com o Sanatório Shatzalp em Davos, relativamente à sua inserção no local e à imponente grandiosidade com que o conjunto construído se apresenta relativamente à envolvente. Da mesma forma pode estabelecer-se uma relação de identidade no que diz respeito à conformação das galerias de cura nos pisos sobre as zonas de convívio



Fig.3 – Sanatório Shatzalp em Davos (arquivo dos autores)

Desta forma o projecto é iniciado em 1927 mas sofre vários impasses e alterações até ao início da sua construção em 1930. Por outro lado surgiram questões quanto à viabilidade da exploração do Sanatório por parte da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses pelo

que a sua inauguração apenas se realizou em 1944, quatro anos antes da morte prematura de Cottinelli Telmo (IHRU, 2012). O Sanatório foi depois arrendado à Sociedade Portuguesa de Sanatórios, que o explorou sob a direcção do professor Lopo de Carvalho, sob a condição de acolher todos os funcionários dos Caminhos de Ferro Portugueses que necessitassem de tratamento estando ainda cinquenta camas à disposição da Assistência Nacional para Tuberculosos.



Fig.4 - Sanatório dos Ferrovieiros e sua envolvente nos anos 90 do séc. XX (arquivo IHRU)

O Sanatório dos Ferrovieiros encontra-se implantado, na Área Protegida da Serra da Estrela, na sua vertente sul, a 1200 metros de altitude e a cerca de 6km da cidade da Covilhã. O terreno para a implantação do Sanatório dos Ferrovieiros, doado pelo Estado, fazia parte da Mata Nacional da Covilhã, na vertente Sul da Serra da Estrela com bons acessos e com proximidade de uma nascente. Como referiu Cottinelli Telmo: “A sua situação foi escolhida com a maior felicidade, tanto pela orientação como pela posição em que ela se encontra relativamente ao grandioso panorama que dela se desfruta.” (IHRU, 2012).

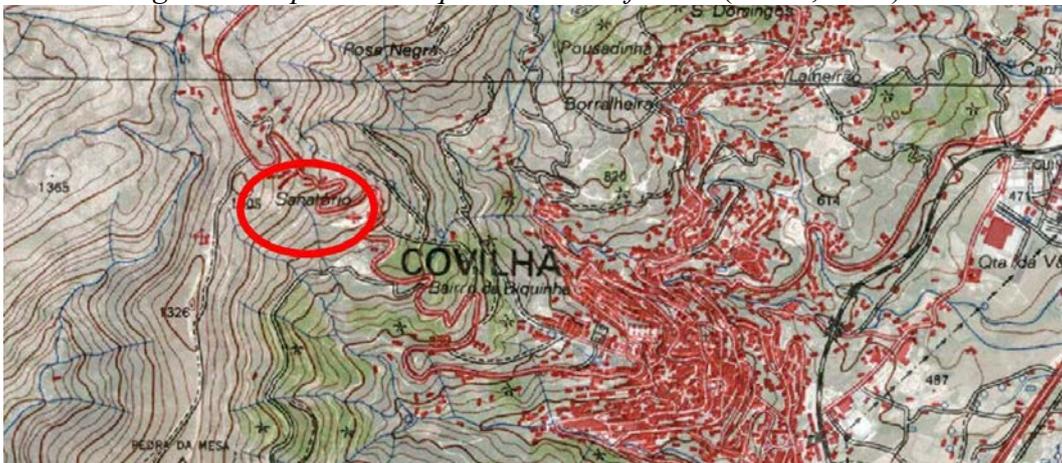


Fig.5 – Localização do Sanatório dos Ferrovieiros sobre fotografia aérea e planta topográfica 1/25000 (adaptado de IGP)

O traçado de um sanatório deveria apresentar uma planta conformando um “V” ou um “Y” pois estas eram as soluções consideradas as mais apropriadas segundo os especialistas. Cottinelli, perante a oferta especializada, opta por uma solução próxima do “V” (mas este muito mais próximo da “linha quebrada”) na sua implantação, que se abre ao sul, por um lado para absorver a máxima insolação possível e por outro para proteger o edificado dos fortes ventos da montanha (IHRU, 2012). Inicialmente Cottinelli Telmo tinha idealizado uma mansarda geral que acompanhava o edifício em toda a sua extensão mas, dados os custos, esta ideia foi abandonada. O edifício estende-se por cerca de 170 metros possuindo duas entradas, uma para os doentes de primeira classe e outra para os doentes de segunda e terceira. A primeira entrada é assinalada pela grandiosidade do frontão, que é o elemento marcante da

fachada do edifício, sendo a segunda igualmente assinalada mas pela existência de dois torreões.



Fig.6 – Vista aérea do Sanatório (1) e da Casa do Gerente (2) durante as obras de reabilitação a cargo de Eduardo Souto de Moura (síntese dos autores, adaptado de Virtual Earth)

O programa arquitectónico baseava-se na divisão de funções consoante os andares que o compunham, como refere o autor do programa, o Dr. Carlos Lopes, “*um andar para cada coisa e cada coisa no seu andar*” (IHRU, 2012). Desta forma o Sanatório era composto por cinco pisos com mansarda incluída. Mais tarde foram encerrados os solários e as galerias de cura, de forma a ampliar a capacidade de alojamento, o que viria a alterar profundamente o seu alçado.



Fig.7 – Fachada principal do Sanatório dos Ferroviários, nos anos 40 do séc. XX, onde se destacam a entrada principal e a entrada secundária (Estúdio Mário Novais, arquivo Biblioteca de Artes da Fundação Calouste Gulbenkian)

No piso térreo encontrava-se: o refeitório e sala de estar do pessoal, banhos, lavabos e anexos, nas fundações do edifício propriamente ditas, eram instaladas as arrecadações e depósitos, os frigoríficos, as caldeiras de aquecimento, os serviços de lavandaria, o abastecimento de cozinha, a morgue, o transformador de electricidade, a chauffage e o posto de desinfectação.



Fig.8 – Alguns dos espaços que faziam parte integrante do piso de entrada, nos anos 40 do séc. XX: Acolhimento (1), sala de estar (2), restaurante (3), gabinete médico (4). (Estúdio Mário Novais, arquivo Biblioteca de Artes da Fundação Calouste Gulbenkian)

No piso de entrada encontravam-se as funções de acolhimento ao público em geral que visitava os pacientes e era composto por: administração, sala de jantar, sala para reuniões e festas, sala de recreio e conversação, sala de espera, biblioteca, jardim de inverno, serviços médicos (incluindo zona de consultas, radioscopia, radiografia e operações). Ainda neste andar, mas nas traseiras, encontravam-se igualmente instalados: a cozinha, a copa e os lavabos.

Nos três últimos pisos encontravam-se os quartos dos pacientes e as galerias de cura correspondendo cada piso a uma classe distinta sendo que a primeira se encontrava no piso 3, a 2ª no piso 4 e a 3ª no piso 5. O solário encontrava-se igualmente neste último piso assim como os quartos do pessoal (IHRU, 2012 e Monteiro, 2009). Os quartos de 1ª classe diferiam dos de 2ª e 3ª pelo numero de camas (uma cama em 1ª classe e três camas em 2ª e 3ª classe).



Fig.9 – Aspecto do Quarto de 1ª classe localizado no Piso 3 durante os anos 40 do séc. XX (1, 2). (Estúdio Mário Novais, arquivo Biblioteca de Artes da Fundação Calouste Gulbenkian)

Devido aos novos avanços da medicina, à utilização da quimioterapia na luta contra a tuberculose, os sanatórios tornaram-se obsoletos e o Sanatório da Serra da Estrela fecha em 1969 por ordem do Ministério de Saúde e Assistência.

Nos anos que se seguiram ao encerramento e partida dos doentes o Sanatório passou a acolher famílias enquanto estrutura de apoio à oferta de alojamento na Serra da Estrela, sob o nome de “Abrigo dos Herminios”. Porém após o 25 de Abril esteve ao serviço do Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais e serviu para acolher famílias refugiadas das antigas colónias chegando a dar guarida a cerca de 700 pessoas até aos anos 80. Após esta última utilização o Sanatório começa a sofrer os danos consequentes de uma profunda decadência e ruína.



Fig.10 – Sanatório em avançado estado de ruína no início do séc. XXI. (fotografias gentilmente cedidas por Elsa Mota Gomes)

Durante os anos de 1953 e 1957, o Clube Nacional de Montanhismo da Covilhã promoveu os famosos Carnavais da Neve que ainda hoje são imagem de marca e marco cultural na cidade da Covilhã. Ao longo do tempo foi igualmente palco dos Encontros Nacionais de Motards destacando-se o encontro de 1992 no qual se procedeu à limpeza do antigo espaço para a realização de um jantar de apoio à Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental do Fundão. Segundo o Jornal do Fundão “(...)Foi o pessoal da Associação e os motards «à medida que iam chegando» que procederam às operações de limpeza mínimas. (...) Depois de vários anos de silêncio o velho sanatório voltou a ressurgir de gente. Mesmo sem condições de habitabilidade, este majestoso edifício, de boas e más recordações, continua a ter alguma utilidade.” (JF, 20 de Março de 1992).

Em 2003 é lançado o concurso público para transformação do antigo Sanatório dos Ferroviários numa pousada. Cottinelli Telmo sempre desejou que o sanatório se parecesse mais com um hotel do que com um hospital pelo que esta vontade foi mantida por Eduardo Souto de Moura responsável pela transformação do sanatório em Pousada.

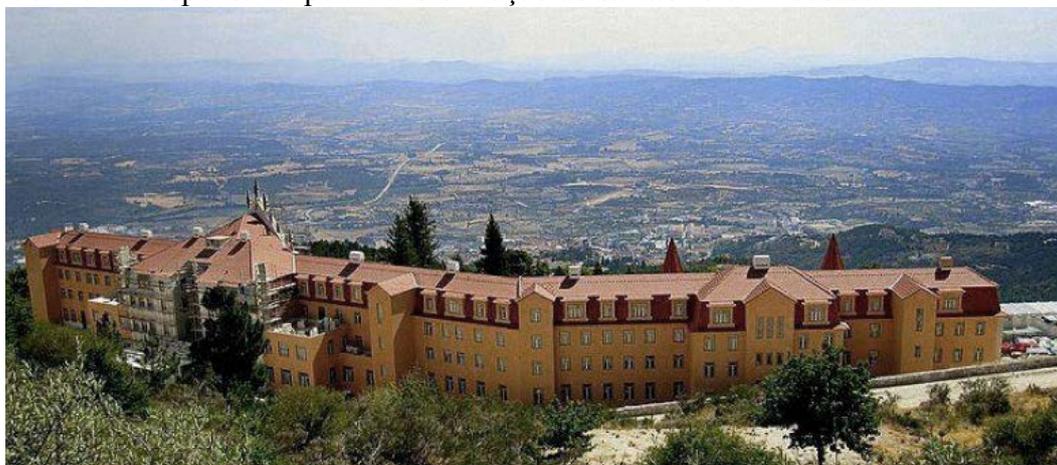


Fig.11 – Sanatório reconvertido em Pousada. (arquivo dos autores)

Souto Moura procurou manter a nova Pousada fiel ao traço de Cottinelli Telmo chegando mesmo a contemplar a recuperação das galerias de cura que entretanto haviam sido fechadas

para aumentar a capacidade do sanatório. De facto este projecto permitirá atrair turistas e melhorar economicamente o concelho da Covilhã e a sua região sobretudo pela utilização dos produtos e as infra-estruturas locais.

Um edifício que acolheu tanto a vida como a morte nas Penhas da Saúde possibilitará assim novas vivências e o desenvolvimento desta região de montanha e de interior.

BIBLIOGRAFIA:

- BEATO, Cláudia Sofia São Marcos Miranda Beato; “Planeamento do Sector do Turismo em Centros Urbanos”; Tese de Doutoramento em Planeamento em Turismo, DEGI, Universidade de Aveiro, 2009
- FRANÇA, José-Augusto; “O Modernismo (séc. XX)” in História da Arte em Portugal; Lisboa 2004
- GALVÃO, Andreia; MENDES, José Ribeiro. “Filantropia e Arquitectura: da 1ª República ao Estado Novo (1880-1920)”. Revista Arquitectura Lusíada, N. 2 (1º semestre 2011): p. 19-32.
- GUIMARÃES, Rodrigo António Teixeira; “O tratamento Climatérico da Tuberculose Pulmonar e a Serra da Estrela”, Dissertação inaugural apresentada Escola Medico Cirúrgica do Porto; S/Ed.; Porto, 1887
- HALL, C., LEW, A.; “Sustainable tourism: A Geographical Perspective”; Longman, 1998
- IHRU; “Processo IPA PT020503010048: Sanatório dos Ferroviários” (consulta efectuada pela última vez, em 31 de Outubro de 2012 na base de dados em rede do Inventário do Património Arquitectónico alojado no Forte de Sacavém)
- MARTINS, Ana Maria Tavares; “Um esboço da Arquitectura do Estado Novo” in “Portugal – Da Monarquia ao I Centenário da República” (coord. Júlio Cruz); Ed. AVIS – Associação para o debate de ideias e concretizações Culturais de Viseu; Viseu 2010; pp. 177-186
- MARTINS, João Paulo; “O Sanatório da Covilhã” in “Monumentos”, n.º 29, Lisboa, IHRU - Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana, Lisboa, 2009, pp. 134-147.
- MONIZ, Gonçalo C.; “Arquitectos e Políticos. A arquitectura institucional em Portugal nos anos 30” in DC Papeles; nº13-14; Ed. UPC; Barcelona 2005
- MONTEIRO, Ana Helena; “O Sanatório da Covilhã: Arquitectura, Turismo e Saúde”, dissertação de Mestrado em Arquitectura, FCTUC, Universidade de Coimbra, 2009
- MUMFORD, Lewis; “A Cidade na História”; ESP; São Paulo, 1991
- PAGE, S., et al.; "Tourism: A Modern Synthesis"; Thompson Learnin; London, 2002
- PINHO, Elisa Calado; “O Sanatório das penhas da Saúde – Templo do tempo” in “Cadernos de Cultura – Medicina na Beira Interior da Pré-história ao século XX”; vol 9; Ed. António Salvado; Covilhã, 1995, pp. 40-41
- SILVA, Sandra Isabel Pinto; “O Turismo na Serra da Estrela: a Comissão de Iniciativa da Covilhã, 1929-1936”; dissertação de Mestrado em Gestão e Desenvolvimento em Turismo, DEGEI, Universidade de Aveiro, 2005
- STOCK, M., (org) ; "Le tourisme: acteurs, lieux et enjeux "; Belin; Paris, 2003
- TOSTÕES, Ana; “Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50”; FAUP; Porto 1997

Filantropia e Arquitectura Philanthropy and Architecture

1.ª conferência sobre "Filantropia e Arquitectura" > Apresentação

Início

Apresentação

Organização

Programa

Call for papers

Inscrição

Créditos

Fotogaleria

Localização

Contactos

Apresentação

O Grupo de Investigação em Teoria, História e Pensamento Interdisciplinar Contemporâneo do Centro de Investigação em Território, Arquitectura e Design (CITAD), propõe-se promover a 1.ª Conferência sobre "Filantropia e Arquitectura: período 1880-1920" que terá lugar na Universidade Lusíada de Lisboa, nos dias 8 e 9 de Novembro de 2012. O período que antecede a 1.ª República até ao Estado Novo constitui a primeira fase deste projeto.

Pretende-se alargar o conhecimento sobre o património construído de raiz filantrópica, bem como a sua contextualização no âmbito das intencionalidades e motivações, dentro desse ideário filantrópico, como sobre os seus actores, acções e, de alguma forma, o próprio legado material e imaterial que todo este processo gerou.

Parte-se de um trabalho de inventário, estudo e divulgação deste património e dos seus principais actores, de forma a permitir um melhor conhecimento e identificação deste acervo da nossa cultura contemporânea e enquanto factor de preservação e divulgação da cultura portuguesa, europeia e lusófona. Consideramos a partilha de informação indispensável e, por isso, vamos utilizar as redes sociais, assim como construir uma base de dados a disponibilizar na Europeiaana (biblioteca europeia da cultura). Além disso, uma plataforma de *e-Learning* será usada como ferramenta de aprendizagem indispensável ao estabelecimento de uma rede científica lusófona e global. Um outro objectivo é criar um museu virtual sobre esta temática.

É cada vez mais importante destacar o nosso património de forma inovadora, enriquecedora e multidisciplinar através da criação de linhas temáticas de identificação e estudo. Este projecto, através do cruzamento da intencionalidade humanista e sociológica que lhe está associado, e das inúmeras linhas pluridisciplinares de investigação que convoca, está precisamente dentro destes parâmetros.

Pretende-se, ainda, proporcionar aos participantes um fórum ao mais alto nível científico para apresentação e discussão de estudos sobre esta matéria, fomentar redes através dos contactos pessoais e institucionais entre a comunidade académica, promover a colaboração científica entre investigadores e congregar a comunidade científica, no domínio das diferentes disciplinas da arquitectura, do urbanismo e do design, bem como das ciências sociais e humanas, com recurso às tecnologias de informação e comunicação, em torno de um intercâmbio informativo e de uma reflexão partilhada sobre o tema da arquitectura de iniciativa filantrópica



Com o apoio de:



Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projecto «PEst-OE/EAT/U34026/2011».



1.ª Conferência: "Filantropia e Arquitectura: período 1880-1920". | 1.ª Conference: "Philanthropy and Architecture: during 1880-1920".

1ª Conferência sobre Filantropia e Arquitectura

Programa



8 Novembro 2012

09H00	Recepção e entrega de documentação
10H00	Sessão de abertura <ul style="list-style-type: none">▪ Prof. Doutor Eng. Diamantino Freitas Gomes Durão Magnífico Reitor da Universidade Lusíada de Lisboa<ul style="list-style-type: none">▪ Dr. Elísio Summavielle Director Geral da DGPC▪ Prof. Doutor Horácio Manuel Pereira Bonifácio Responsável do Grupo de Investigação em Teoria, História e Pensamento Interdisciplinar Contemporâneo Centro de Investigação em Território, Arquitectura e Design Universidades Lusíada▪ Prof.ª Doutora Arqt.ª Andreia Maria Bianchi Aires Carvalho Galvão Chairman da Conferência Investigadora do Grupo de Investigação em Teoria, História e Pensamento Interdisciplinar Contemporâneo Centro de Investigação em Território, Arquitectura e Design





1.ª Conferência: "Filantropia e Arquitectura: período 1880-1920". | 1.ª Conference: "Philanthropy and Architecture: during 1880-1920".

	Universidades Lusíada
10H30	Comunicações – I Painel – Moderador – Profª Doutora Fernanda Rollo
	Comunicação - Andreia Galvão, José Ribeiro Mendes, João Castela Cravo, Diana Sande Caeiro – “Arquitectura Filantrópica, Inventário e Musealização Virtual – O Projecto”
11H15	Pausa
11H30	Comunicações
	Comunicação - Deolinda Folgado - “Capitalismo ideal? Os grandes armazéns de Lisboa – Grandella, Chiado e Ramiro Leão – e sua acção social” Comunicação - Alexandra de Carvalho Antunes – “A Obra Filantrópica de Taborda de Magalhães, em Caxias, com Projecto de M. Ventura Terra: Doadores e Donativos (1906-1910)”
13H00	Pausa para almoço
15H00	Comunicações – II Painel – Moderador – Dra. Simonetta da Luz Afonso
	Comunicação – Mariano Cabaço – “Identidade e Missão do Património das Misericórdias” Comunicação - Fernando Grilo, Joana Balsa de Pinho - “Características arquitectónicas na obra filantrópica das Misericórdia no séc. XIX em Portugal”
16H30	Pausa
16H45	Comunicações
	Comunicação – Nuno Ludovice – “O convento das Salésias de invocação da visitação de Nosso Senhor da Ordem das religiosas de S.





1.ª Conferência: "Filantropia e Arquitectura: período 1880-1920". | 1.ª Conference: "Philanthropy and Architecture: during 1880-1920".

Francisco de Sales”

Comunicação – Manuel Gandra - “A Jerusalém Celeste como Paradigma dos Impérios do Divino Espírito Santo”

9 Novembro 2012

10H00	Comunicações – III Painel – Moderador – Profª Doutora Andreia Aires de Carvalho Galvão
	Comunicação – Rui Tavares, Ania Abrantes - ALBA - ALBERGARIA-A-VELHA / Ser e (re)Ser - Da unidade fabril à unidade urbana – o projecto e a construção de uma singularidade urbana entre sonho e a vida.”
	Comunicação – Maria João Grilo, Teresa Sande Lemos “A Associação Protectora da Primeira Infância”
11H30	Pausa
11H45	Comunicações
	Comunicação – Ana Maria Tavares Martins – “O Sanatorio dos Ferroviarios: vida e morte nas Penhas da Saude”
	Comunicação – Ana Leonor Tomás – “Cidade Oculta - A Vila Operária”
13H00	Pausa para almoço
15H00	Comunicações –IV Painel – Moderador - Prof. Doutor Horácio Bonifácio
	Comunicação – Isabel Alves – “Apresentação do Museu Virtual da Emigração e Comunidades”
	Comunicação – Paula Torres Peixoto – “Património de origem





1.ª Conferência: "Filantropia e Arquitectura: período 1880-1920". | 1.ª Conference: "Philanthropy and Architecture: during 1880-1920".

	filantrópica – contributo dos <i>brasileiros</i>
	Comunicação – Artur Coimbra – “Património Filantrópico em Fafe: - O Contributo dos Brasileiros de torna-viagem”
17H45	Conclusões
18H30	Encerramento – Evento musical com alunos da Licenciatura em Música da U. L. L.

10 Novembro 2012

10H00	Visita facultativa a Albergaria-a-Velha
--------------	---